

**“O SEU DESEMPENHO NÃO É MAIS O MESMO?” – A MEDICALIZAÇÃO E A
PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES NO CIBERESPAÇO**

***Eixo Temático 29 – Pedagogias de Gêneros e Sexualidades em Mídias e
Artefatos Culturais***

Cláudio Orlando Gamarano Cabral ¹
Roney Polato de Castro ²

RESUMO

O trabalho parte de uma pesquisa de doutorado em educação, que toma como análise rastros dos discursos medicalizantes das homossexualidades masculinas a partir das redes sociais Facebook e Twitter. O referencial teórico é constituído de estudos sobre medicalização e estudos de gênero e sexualidade, sob inspiração foucaultiana e pós-estruturalista. Para as discussões do presente texto, elegemos duas propagandas sobre ‘disfunção erétil’, veiculadas no Facebook, como modo de problematizar construções de masculinidades pelas pedagogias dos artefatos culturais. As propagandas veiculam e produzem sentidos sobre ser homem associando sua constituição à manutenção da ereção e à virilidade como características importantes das masculinidades, tendo a medicalização como caminho para a sua realização.

Palavras-chave: Medicalização; Masculinidades; Cibercultura; Artefatos Culturais.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é problematizar a medicalização atuando na produção de masculinidades a partir de propagandas, tomadas como artefatos culturais, encontradas no Facebook. Como discutiremos, os artefatos em questão não foram alvo de uma busca direta, isto é, eles foram oferecidos automaticamente pela máquina e sua matemática algorítmica enquanto um dos autores, envolvido em uma pesquisa de doutorado, fazia, nesta rede, uma busca por rastros de discursos medicalizantes em ditos de sujeitos homossexuais masculinos. Nossas problematizações caminharão no sentido de apontar para o grande potencial das redes sociais na produção de gêneros e sexualidades nossos dias.

Falar em produção de masculinidades implica considerar que os gêneros e as sexualidades são construções sociais que envolvem uma pluralidade de formas de ser homem e

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Professor de História da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora, Minas Gerais. E-mail: claogc@hotmail.com.

² Doutor em Educação (UFJF), Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais. E-mail: roneypolato@gmail.com.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

mulher possíveis em nossa sociedade, bem como, que essas acontecem na relação umas com as outras. Em um contexto de pluralização dos gêneros, considerando que discuti-los em seu caráter social é dizer do momento histórico em que o fazemos (LOURO, 2007), pressupomos que as transformações nos modos de viver masculinidades e feminilidades implicam-se mutuamente. Nesse ínterim, consideramos que as muitas formas de se fazer mulher e homem são sempre anunciadas, sugeridas e promovidas socialmente. Práticas e linguagens constituem sujeitos femininos e masculinos, produzem marcas que se efetivam pelo investimento pedagógico posto em ação nas diversas instâncias do social. Pedagogias que reiteram posições de sujeito e práticas hegemônicas, ao mesmo tempo em que subordinam, negam ou recusam outras (LOURO, 2007).

Nossas análises nos conduzem a pensar que a sexualidade é um dos elementos constitutivos das experiências de gênero em uma dada cultura e contexto sócio-histórico. Assim, pensando com Débora Britzmann (2010), podemos considerar que a sexualidade

não deve ser pensada como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle, ou como um obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir. Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não uma realidade furtiva que é difícil de aprender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço do controle e resistências estão vinculados uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder (p. 101).

É a partir da consideração da sexualidade como um constructo histórico que pretendemos, neste texto, analisar o Facebook, especialmente, mas as redes sociais de maneira geral, como potentes ferramentas a atuarem na estimulação dos corpos, na intensificação dos prazeres e, sobretudo, na incitação de discursos acerca de uma certa forma de ser homem alicerçada em uma determinada maneira de exercer a sexualidade, isto é: as redes como potentes promotoras de saber e poder que produzem sexualidades em nossos dias.

O uso das redes sociais on-line no Brasil é crescente. De acordo com dados de 2020 enquanto 83% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet³, em 2021 cerca de 70,3% da população tem acesso a alguma rede social on-line dentre as quais o Facebook é uma das principais⁴. Rosa Fischer (1997) nos ajuda a pensar a presença dessas novas tecnologias de comunicação via internet e redes sociais on-line, como o Facebook por exemplo, como um

³ Fonte: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Último acesso em: 29/03/2022.

⁴ Fonte: <https://www.maioresemelhores.com/redes-sociais-mais-utilizadas-brasil/>. Acesso em: 29/03/2022.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

espaço que amplia os “lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos” (p. 62). De acordo com Pierre Levy (1999) vivemos na cibercultura e precisamos estar abertos/as às novidades colocadas por essa nova cultura. Para o autor, não é o caso de nos colocarmos contra ou a favor, mas de “reconhecer as mudanças na ecologia dos signos, o ambiente inédito que se inaugura com a extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural” (p. 12). O ciberespaço ou rede “é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (p. 17), e o termo cibercultura não trata apenas da ‘infra-estrutura material’ que dá suporte e possibilita a comunicação digital, mas, se refere, ao mesmo tempo, ao “universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Ib.).

Nossas problematizações têm como eixo central o entendimento das masculinidades como uma construção histórica que, na atualidade, pode ser pensada em articulação com o conceito de cibercultura, visto esse abarcar um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Ib.). Assim, é no contexto da cibercultura que problematizaremos o Facebook como produtor de sujeitos e corpos, especialmente, certas masculinidades e sua relação com medicalização.

O QUE É A MEDICALIZAÇÃO?

A tema da medicalização foi amplamente explorado nos estudos de Michel Foucault (2010; 2011; 2012) que chamou nossa atenção para o poder indefinido e ilimitado do saber e do poder médico na sociedade Ocidental a partir do século XIX, sobretudo em suas investidas sobre as sexualidades. Desde que a medicina do século XIX ajudou a separar e marcar os sujeitos que passaram a ser divididos entre heterossexuais, homossexuais e bissexuais, marcas essas que até nossos dias são referências para a distribuição desigual de direitos sociais e de precariedade entre os corpos, não podemos pensar a produção social de sexualidades sem considerarmos seus atravessamentos com medicalização, ou seja, com a prática de levar para a medicina e áreas afins questões sociais, econômicas e políticas. Enquanto Michel Foucault nos ofereceu as ferramentas críticas iniciais para a problematização da medicalização dos corpos e das sexualidades, de acordo com autores/as atuais (LE BRETON, 2013; ZORZANELLI, ORTEGA e BEZERRA, 2014) torna-se necessário alargar esse conceito para compreendermos o destaque que os avanços tecnológicos da indústria farmacêutica e da biomedicina têm na produção de corpos e subjetividades em nossos dias. Assim, a medicalização deve ser pensada em articulação com poderosas campanhas de marketing que atualizam as noções de saúde e



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

bem-estar, ou seja, como algo bem distante do que podemos ingenuamente considerar como a simples ausência de uma doença ou de um transtorno que possa acometer nossos corpos. Saúde, atualmente, tornou-se, em boa parte, um bem ou uma mercadoria a ser conquistada mediante o acesso a produtos e tratamentos que podem levar o corpo a ser mais potente, mais produtivo ou mais viril, por exemplo, desde que possamos pagar por serviços e produtos biomédicos e farmacológicos.

Além de ser pensada como parte de um poderoso mercado, em relação à medicalização há um outro aspecto importante a ser considerado segundo os autores apontados, isto é, a demanda social pelo acesso a produtos e serviços oferecidos pelo rico mercado. Essa demanda social que em parte é alimentada pela crença no poder da ciência e dos produtos médico-farmacêuticos torna-se um anseio por parte da população que os tratam como solução para todos os males e para os mais diversos dissabores da vida (BIRMAN, 2012). É a partir dessa crença nos poderes quase mágicos da tecnologia científicista (DANTAS, 2009) que a medicalização atua em consonância com nossa cultura, ou melhor, com a cibercultura na produção de masculinidades.

A CULTURA E SEUS RASTROS: OS ARTEFATOS CULTURAIS

É pensando o debate educacional na atualidade em seus mais variados processos educativos sociais que apontamos para as mídias e os artefatos culturais como músicas, programas de TV, filmes, revistas, games, campanhas publicitárias etc., conforme analisaremos, atuam como pedagogias culturais a nos constituir como sujeitos de certas sexualidades. Para nossas problematizações, escolhemos, ou melhor, fomos escolhidos por campanhas publicitárias que nos acessaram durante uma pesquisa junto ao Facebook. A procura por falas de sujeitos homossexuais masculinos atravessados pela medicalização na rede Facebook, parte de uma pesquisa em andamento, foi deixando rastros que, capturados matematicamente pelos algoritmos, começaram a disponibilizar tratamentos, medicamentos e soluções farmacológicas afrodisíacas ou contra a perda ou diminuição da ereção peniana. Dentre tantas, algumas dessas campanhas publicitárias como a que utilizamos no título deste texto, trazemos abaixo:

Somos um centro de excelência em medicina focada na saúde e desempenho do homem com mais de 25.000 atendimentos ... Ver mais

SEU DESEMPENHO NÃO É MAIS O MESMO?

PARE DE DEIXAR PARA DEPOIS!

CLIQUE AGORA E CONHEÇA NOSSOS TRATAMENTOS



Impotência pode causar traições e até divórcios! Veja como evitar ser cornô ou perder a mulher!

A NOVA CURA PARA OS HOMENS BROXAS



TRYINTERACT.COM
É o Fim dos Problemas com Ereção!

SAIBA MAIS

Independentemente dos conhecimentos técnicos e científicos que possam embasar a promessa de melhora no desempenho sexual feito por essas propagandas que nos eram oferecidas sistematicamente a cada momento em que acessávamos o Facebook, salientamos que a simples referência que elas fazem a um ‘centro de excelência em medicina focada na saúde e desempenho do homem’ carrega toda uma carga social de crença nos poderes e na eficiência da ciência médica para relacionar saúde masculina com o desempenho sexual ativo. Ao associar a imagem de um homem de cabelos brancos, de cabeça baixa e com fisionomia triste à ideia de que a mudança no desempenho sexual masculino com o passar dos anos é uma questão de saúde que pode ser tratada biomedicamente, a inserção desconsidera o efeito natural da idade, conforme compreendíamos há algumas décadas, sobre a ereção e virilidade masculina. Ou seja, envelhecer e mudar os hábitos sexuais passou a significar doença, no caso, uma disfunção erétil que deve ser tratada com vistas à uma boa saúde, à felicidade e ao bem-estar.

A segunda imagem que trouxemos e que faz referência a medicamentos oferecidos como ‘cura para homens broxas’, apela, inclusive, para um termo hoje considerado negativo e abandonado há anos: a impotência sexual. Com a promessa de acabar com os problemas relacionados à ereção, essa propaganda que explora a imagem de um homem mais jovem, mas cabisbaixo e aparentemente preocupado ao lado de uma mulher também jovem, com punhos cerrados e postura mais ativa, apela para o fato da ‘impotência’ poder causar traições, divórcios e a ‘perda’ da mulher. É importante salientar o quanto esses apelos publicitários dialogam e exploram estruturas e valores de nossa sociedade (SABAT, 2001), como o machismo, ao apontarem para a virilidade, a força e poder do macho como definidoras da masculinidade. A medicalização também se apoia e faz uso dos mesmos valores culturalmente disseminados: quer



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

a crença na ciência biomédica e farmacêutica e seu desenvolvimento tecnológico como promotoras de felicidade, bem-estar e saúde, quer, por outro lado, e de forma aparentemente contraditória, em mitos sociais criados acerca das masculinidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bombardeamento de mensagens selecionadas algoritmicamente às quais qualquer entrada em uma rede social, como o Facebook em questão, nos expõe nos dias atuais, aliadas ao grande volume e à velocidade como elas nos interpelam, especialmente pelo forte apelo a experiências visuais, permite-nos pensar as redes sociais on-line como poderosas maquinarias de produção de masculinidades medicalizadas. Perceber a forma como os algoritmos que nos sugeriam produtos e tratamentos para aumentar a virilidade contra a disfunção erétil se impuseram e passaram a fazer parte de uma pesquisa e resultou neste texto, permite-nos supor o quanto sua repetição exaustiva pode atuar na produção de sexualidades e de gêneros entre usuários das redes sociais on-line na atualidade.

De acordo com Danilo Doneda e Virgílio A. F. Almeida (2018), o algoritmo oferece um risco social porque pode tirar dos seres humanos a capacidade decisória, manipulando-os, ao passo que “quanto mais aumentam a sofisticação e a utilidade dos algoritmos, mais eles se mostram ‘autônomos’, chegando a dar a impressão de que existe uma ‘máquina pensante’ por detrás de alguns de seus raciocínios misteriosos” (p. 141). Esses autores apontam, assim, para uma literatura que levanta alguns riscos que os algoritmos podem trazer para a vida social como a “manipulação, viés, censura, discriminação social, violações da privacidade e dos direitos de propriedade, abuso do poder de mercado, efeitos sobre as capacidades cognitivas, além de uma crescente heteronomia” (p. 145).

Pesquisar utilizando o Facebook como fonte, como estamos apontando, permite-nos argumentar que a crescente dependência que temos em relação às redes sociais on-line, ou seja, a cibercultura, é um poderoso instrumento de produção de gêneros e sexualidades, sobretudo, em função da matemática dos algoritmos que se impõem por meio de artefatos culturais os mais diversos, como no caso das propagandas de tratamentos e medicamentos que brevemente analisamos.

Por fim, enfatizamos a necessidade que tomar as mais diversas instâncias do social como elementos a serem problematizados, entendendo que essas instâncias produzem, veiculam e exercem pedagogias de gênero e de sexualidade. Ensina-se o que é ser mulher, o que é ser homem, ensina-se a viver essas posições de sujeito, ensina-se que existem muitas possibilidades de vivê-las e que isso frequentemente é um processo conflituoso, que exige negociação, uma

vez que “os homens e as mulheres reais não cumprem sempre, nem cumprem literalmente, os termos das prescrições de sua sociedade ou de nossas categorias analíticas.” (SCOTT, 1995, p. 88).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade, a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 83-111.

DANTAS, Jurema Barros. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 21, n. 3, p. 563-580, set.-dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/FwQmjsZxb8Yz4KdPdNpwQkM/?lang=pt>. Acesso em: 16 mai. 2020.

DONEDA, Danilo; ALMEIDA, Virgílio A. F. O que é a governança de algoritmos? In: BRUNO, Fernanda, et al. **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 141 a 148.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política**. Organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autan Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos VII: Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Organização e seleção de textos Manoel de Barros da Motta; tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo: Antropologia e sociedade**. Tradução Marina Appenzeller. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da costa. São Paulo: Ed. 34. 1999.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/ref/a/hqknn4NtLrGpyGQMB8p7ByB/?lang=pt>. Acesso em: 16 mai. 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira, ORTEGA, Francisco e BEZERRA, Benilton. Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/nqv3K7JRXxmrBvq5DcQ88Qz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 mai. 2022.